

NOTA PRÉVIA

O tema da viagem, proposto nesse número da revista *Organon*, tem uma trajetória fecunda na Literatura Ocidental. A um breve olhar inúmeros textos ocorrem imediatamente: *Odisséia*, *A divina comédia*, *Os Lusíadas*, *Dom Quixote*, *Viagens de Gulliver*, *Ulisses*, *As cidades invisíveis*, *Jangada de pedra*. Embora a lista não esteja completa, pode-se observar que a temática está presente em textos clássicos da literatura. No caso da Literatura Brasileira, o tema também revela-se recorrente, o que romances como *Macunaíma*, *Vidas secas*, *Grande sertão: veredas*, *Noite*, *Sargento Getúlio*, que se impõem sem nenhum exame prévio, demonstram.

A temática da viagem, presença marcante em epopéias, romances, poemas e contos, constitui “um dos arquétipos temáticos e simbólicos entre os mais produtivos na literatura”, como afirma Krysinski em *Discurso de viagem e senso de alteridade*, neste volume. Este arquétipo representa o principal foco dos ensaios que compõem o presente número da revista *Organon*. Sem nenhuma tentativa de tipologia, a qual, segundo Michel Peterson, seria infrutífera e limitada, os vários textos reunidos na revista abrem caminhos diversos, que não se esgotam nas leituras nela apresentadas. Ao contrário, elas representam apenas algumas das possibilidades de abordagem do tema, cuja diversidade é de tal abrangência que poderia apresentar inúmeras perspectivas, como observa Michel Peterson na *Apresentação*, logo a seguir.

A Viagem na Literatura não se confunde com uma específica Literatura de Viagens, que prolifera sobretudo a partir do Renascimento, devido aos movimentos expansionistas que levam aos descobrimentos. Nelas, o registro do que o olhar divisa é fundamental: descrições da terra se alternam com descrições do homem - aspecto físico, usos e costumes ou organização social. O *outro* é descrito seja pela marcada diferença, seja pelas semelhanças que apresenta em relação ao centro a partir do qual a periferia é divisada. No entanto, a Literatura de Viagens não se restringe às

viagens de descobrimento. Ela também engloba viagens de peregrinação, viagens de comércio e, ainda, viagens imaginárias.

No caso do Brasil, a Literatura de Viagens é de extrema importância, dado o número expressivo de obras publicadas desde a descoberta do país. Os primeiros cronistas são responsáveis pela construção de imagens do Brasil que, mais tarde, passam a dialogar com a literatura. Flora Süssekind, em *O Brasil não é longe daqui*, chama a atenção para o olhar de estrangeiro dos primeiros narradores ficcionais, que, muitas vezes, exibem “a própria condição de viajante estrangeiro pelos sertões do país”; é desta posição de fora que olham para a terra figurando-a a partir do paradigma estabelecido pelas crônicas e pinturas dos viajantes estrangeiros. Na ficção dos séculos XIX e XX, muitas narrativas estabelecem interlocução com as crônicas de viagem, seja através do procedimento paródico ou de outros recursos da construção da narrativa, seja através da retomada das imagens dos cronistas, confirmando-as ou negando-as. Entre elas, *Os sertões* ocupa posição privilegiada. Euclides da Cunha, ele mesmo um viajante, mostra-se conhecedor dessas crônicas, notadamente daquelas dos viajantes naturalistas, e com elas mantém um efetivo diálogo. Está presente em seu ensaio um narrador-viajante cujo olhar traz a acuidade de quem está se deparando com o novo. Para traduzir a diferença, o narrador utiliza alguns procedimentos retóricos recorrentes, principalmente nas crônicas de viagem dos viajantes naturalistas do século XIX. As observações permitem afirmar que, embora a Viagem na Literatura e a Literatura de Viagens sejam distintas, não se pode negar o importante diálogo que se estabeleceu entre as crônicas de viagem e a Literatura Brasileira.

Apesar de o tema ter uma trajetória consistente na Literatura Brasileira, sendo da maior relevância, aqui no Brasil os estudos críticos ainda são incipientes, ao contrário dos de outros países, como por exemplo Portugal, cujas análises são sistemáticas, com muitas publicações se sucedendo. Este número da revista *Organon*, composto de ensaios que apresentam diferentes abordagens do tema, pretende preencher um vazio. Mas, paremos por aqui e deixemos o leitor realizar a viagem.

Gínia Maria Gomes
Organizadora